



CARTA ENCÍCLICA

FRATELLI TUTTI

Do Santo Padre Francisco

Sobre a fraternidade e a amizade social

Síntese de *Fratelli tutti*

Introdução	2
CAPÍTULO 1 AS SOMBRAS DUM MUNDO FECHADO	4
CAPÍTULO 2 UM ESTRANHO NO CAMINHO	6
CAPÍTULO 3 PENSAR E GERAR UM MUNDO ABERTO	8
CAPÍTULO 4 UM CORAÇÃO ABERTO AO MUNDO INTEIRO	10
CAPÍTULO 5 A POLÍTICA MELHOR	11
CAPÍTULO 6 DIÁLOGO E AMIZADE SOCIAL	13
CAPÍTULO 7 PERCURSOS DUM NOVO ENCONTRO	15
CAPÍTULO 8 AS RELIGIÕES AO SERVIÇO DA FRATERNIDADE NO MUNDO	17
Apelo	19

Introdução

Inspirado por São Francisco de Assis, o Papa Francisco entrega-nos *Fratelli Tutti*, uma proposta de uma forma de vida com sabor a Evangelho que consiste em amar o outro como irmão, mesmo que este esteja longe. É um apelo a ser fraternidade aberta (FT 1), a reconhecer e amar cada pessoa com um amor sem fronteiras, que vai ao encontro e é capaz de superar todas as distâncias e tentações de disputas, imposições e submissões (FT 3).

Fratelli tutti não é um resumo da doutrina sobre o amor fraterno, mas sim uma insistência na sua dimensão universal (FT 6).

A COVID-19 interrompeu o Papa na sua redação de FT. Esta pandemia deixou a descoberto as nossas falsas seguranças, evidenciou a nossa incapacidade de agir em conjunto, a nossa fragmentação (FT 7).

Perante as várias formas de eliminar ou de ignorar os outros, FT é um convite a reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social (FT 6).

O Santo Padre deseja ardentemente que, nesta época que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos conceber entre todos um desejo mundial de fraternidade (FT 8).

CAPÍTULO 1

AS SOMBRAS DUM MUNDO FECHADO

O primeiro capítulo apresenta-nos as sombras dum mundo fechado que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal (FT 9) e que se expandem pelo mundo; são as circunstâncias que deixam feridos ao lado do caminho, postos fora, descartados. As sombras afundam a humanidade na confusão, solidão e vazio.

Entre outras coisas, os sonhos de uma Europa unida e da integração latino-americana aparecem destruídos (FT 10), surgem nacionalismos fechados, cresce o egoísmo e a perda de sentido social (FT 11). A economia e as finanças apropriaram-se de expressões como “abrir-se ao mundo”. Impõe-se uma cultura que unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações. As pessoas desempenham papéis de consumidores e espectadores; a sociedade globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. Estamos mais sozinhos do que nunca (FT 12).

A consciência histórica afunda-se nas sombras, a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero, somos convidados a consumir sem limites e a viver um individualismo sem conteúdos, que ignora e despreza a história (FT 13).

Difundem-se novas formas de colonização cultural; os povos que alienam a sua tradição toleram que se lhes roube a alma, a sua fisionomia espiritual e a sua consistência moral (FT 14).

Nas sombras deste mundo cada vez mais fechado esvaziam-se de conteúdo e manipulam-se as grandes palavras como democracia, liberdade, justiça e unidade (FT 14). Semear desânimo, desconfiança; exasperar, exacerbar e polarizar são as estratégias para dominar e avançar, negar o direito a existir e pensar, o que ajuda a dominar e avançar. A política converte-se em marketing (FT 15).

Partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de alguns que se consideram dignos de viver sem limites. Desperdiçar e descartar aqueles que ainda não são úteis, ou que já não são produtivos, são características desta cultura do descarte (FT 18) que reina nas sombras do mundo fechado.

A desigualdade de direitos (FT 22) e as novas formas de escravatura (FT 24) continuam vigentes. Vivemos uma “terceira guerra mundial por pedaços” (FT 25), não existem horizontes que nos façam convergir (FT 26), reaparecem conflitos e medos que se exprimem na criação de muros para impedir o encontro (FT 27). Verifica-se uma deterioração da ética e um enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido de responsabilidade; cresce a sensação de frustração, solidão e desespero (FT 29).

Somos vítimas do engano de crer que somos onipotentes e de esquecer que estamos todos no mesmo barco (FT 30). A falta de humanidade manifesta-se com

clareza nas fronteiras, perante a realidade de milhares de pessoas que escapam da guerra, de perseguições, de catástrofes naturais e que procuram oportunidades para si e para as suas famílias; ao mesmo tempo, os regimes políticos procuram evitar a todo o custo a chegada de pessoas migrantes (FT 37). Os migrantes não são considerados suficientemente dignos (FT 39).

Por tudo isto, temos a tentação do isolamento e do fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses; este jamais será o caminho para restabelecer a esperança e realizar uma renovação. O caminho é a proximidade e a cultura do encontro (FT 30).

A pandemia da COVID-19 deixou a descoberto que temos uma pertença de irmãos (FT 32); somos chamados a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo a nossa existência (FT 33).

Temos a ilusão de uma maior comunicação, parecem reduzir-se as distâncias a ponto de deixar de existir o direito à intimidade. No mundo digital, o respeito pelo outro estilhaça-se, é-nos permitido ignorar, mantermo-nos afastados e invadir despudoradamente a sua vida (FT 42).

De entre as sombras surgem movimentos digitais de ódio e destruição (FT 43), vive-se a agressividade despudoradamente (FT 44) e proliferam a mentira e a manipulação; os fanatismos destrutivos são protagonizados inclusivamente por pessoas religiosas e meios católicos (FT 46).

Mas, apesar das sombras densas, devemos dar voz a tantos percursos de esperança: Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade (FT 54).

O Papa recorda-nos que o bem, o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam duma vez para sempre; mas devem ser conquistados cada dia (FT 11).

O Santo Padre convida-nos à esperança. Há nos homens e nas mulheres anseio, aspiração de plenitude, de vida, de agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas mais elevadas, tais como a verdade, a bondade, a beleza, a justiça e o amor. A esperança é capaz de olhar mais para além da comodidade, das seguranças e compensações que nos fecham, para se abrir a grandes ideais (FT 55).

CAPÍTULO 2

UM ESTRANHO NO CAMINHO

Há um estranho no caminho, ferido e marginalizado pelas sombras de um mundo fechado. Perante esta realidade, podemos tomar duas atitudes: seguir em frente, ou determo-nos. Incluí-o ou excluí-o, definirá o tipo de pessoa ou projeto político, social e religioso que somos.

O Papa apresenta-nos a parábola do bom samaritano como luz por entre as sombras (FT 56). Há um pano de fundo na parábola: *Onde está o teu irmão?* (Gn 4,9). Deus coloca em questão todo o tipo de determinismo ou fatalismo que pretenda justificar a indiferença. Habilita-nos a criar uma cultura na qual cuidemos uns dos outros (FT 57), porque todos temos um mesmo Criador, e nele encontram fundamento os nossos direitos.

Estamos motivados e chamados a alargar o coração a fim de não excluir o estrangeiro, é um apelo ao amor fraterno, que ressoa no Novo Testamento (FT 61). Ao amor não importa se o irmão ferido vem daqui ou de acolá, o amor rompe as cadeias e lança pontes, permite construir uma grande família em que todos nos possamos sentir em casa, sabe de compaixão e dignidade (FT 62).

Na parábola está o “abandonado”, o ferido, caído no caminho; vários não pararam ao seu lado. Só um parou, lhe ofereceu proximidade, curou-o com as próprias mãos, pôs dinheiro no seu bolso e ocupou-se dele, deu-lhe o seu tempo (FT 63).

A sociedade doente tem a tentação de se desinteressar dos outros, de olhar para o outro lado, passar à margem e ignorar. O sentimento perturba-a, incomoda-a, não quer perder tempo por causa de problemas alheios. Constrói-se de costas viradas para a dor (FT 64).

O Papa Francisco chama-nos à vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro (FT 66). A sermos construtores de um novo vínculo social, a dar-mo-nos conta de que a existência de cada um está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro (FT 66). Somos chamados a reconstruir este mundo que nos magoa, a refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não permitem uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum (FT 67).

A inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na berma da estrada define todos os projetos económicos, políticos, sociais e religiosos (FT 69).

A história do bom samaritano repete-se; são visíveis a incúria social e política, as disputas internas e internacionais e os saques que deixam feridos na berma da estrada. Hoje podemos recomeçar: o Papa Francisco chama-nos a sermos parte ativa na reabilitação e auxílio das sociedades feridas (FT 77); alimentemos o que é

bom, e coloquemo-nos ao serviço do bem (FT 77). Só é possível começar a partir de baixo e um de cada vez, lutar pelo mais concreto e local (FT 78).

As dificuldades são a oportunidade para crescer e não a desculpa para a tristeza (78); somos chamados a convidar outros e a encontrarmo-nos num “nós” que seja mais forte do que a soma de pequenas individualidades. “O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas” (FT 78). A reconciliação ressuscitar-nos-á, fazendo-nos perder o medo (FT 78).

Finalmente, Jesús transforma a abordagem de perguntar-nos quem são os próximos em relação a nós, quer dizer os nossos “próximos”: chama-nos a tornarmo-nos vizinhos, próximos de todos, inclusive dos que estão longe (FT 81). Trata-se de uma capacidade de amor universal capaz de superar preconceitos, barreiras históricas ou culturais, interesses mesquinhos (FT 82).

É importante que a catequese e a pregação incluam, de forma direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos (FT 86). Só assim poderemos pensar e gerar um mundo aberto, erradicando as sombras do mundo fechado.

CAPÍTULO 3

PENSAR E GERAR UM MUNDO ABERTO

Deus é amor universal, e dado que somos parte desse amor e o compartilhamos, somos chamados à fraternidade universal, que é abertura. Não há “outros”, nem “eles”, só há “nós”. Um ser humano só pode desenvolver-se e encontrar a sua plenitude no dom sincero de si mesmo aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros. Ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar (FT 87).

A vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade (FT 87). Toda a relação sadia e verdadeira nos abre aos outros, não podemos reduzir a vida a nós mesmos ou ao nosso pequeno grupo (FT 89).

A hospitalidade é um modo concreto de abertura e de encontro (FT 90). A estatura espiritual de uma vida humana está marcada pelo amor, o critério para a decisão definitiva sobre o valor de uma vida humana. O maior perigo é não amar (FT 92). O amor é algo mais do que ações benéficas; estas brotam de uma união que propende para o outro, considerando-o valioso, digno, grato e belo. Só esta forma de nos relacionarmos torna possível a amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos (FT 94). Vemos semeada a vocação de formar uma comunidade composta por irmãos que se acolhem reciprocamente e se preocupam uns com os outros (FT 96).

A abertura universal não é geográfica, mas sim existencial: é a capacidade quotidiana de alargar o meu círculo, de chegar às periferias, àqueles que não sinto como parte do meu mundo de interesses, embora estejam perto de mim. Cada irmão que sofre, abandonado e ignorado pela minha sociedade, é um forasteiro existencial (FT 97). Há irmãos tratados como “exilados ocultos”, pessoas portadoras de deficiência que existem sem pertencer e sem participar; há muitos a quem é impedido de beneficiar da “plena cidadania” (FT 98).

O amor que se propaga para além das fronteiras está baseado na “amizade social”, condição que possibilita uma abertura universal (FT 99). O futuro não é monocromático: a nossa família humana necessita de aprender a viver juntos em harmonia e paz, sem necessidade de termos de ser todos iguaizinhos (FT 99).

Aqueles que se organizam impedindo qualquer presença estranha que perturbe a sua identidade e organização grupal excluem a possibilidade de se fazerem próximos; assim só se pode ser “sócio”, isto é, aquele que é associado para determinados interesses (FT 102).

A fraternidade não é só o resultado de condições onde se respeitam as liberdades individuais, nem mesmo da prática duma certa equidade (FT 103). E também não se alcança a igualdade defendendo, abstratamente, que todos os seres humanos

são iguais, mas é o resultado de uma cultura consciente e constante da fraternidade (FT 104).

Para caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, é necessário reconhecer quanto vale um ser humano, sempre e em qualquer circunstância (FT 106); todo o ser humano é valioso e tem direito a viver com dignidade e a desenvolver-se integralmente. Esse direito básico não pode ser negado por nenhum país (FT 110).

Para alcançar este objetivo, o Papa Francisco chama-nos a promover o bem, para nós mesmos e para toda a humanidade: caminhar para um crescimento genuíno e integral (FT 113). É um apelo à solidariedade, a pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. Solidariedade é lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, de terra e de habitação, a negação de direitos sociais e laborais (FT 116). Todos os direitos sobre os bens necessários para a realização integral das pessoas, incluindo o da propriedade privada e quaisquer outros, não devem impedir, mas, pelo contrário, devem facilitar a sua realização (FT 120).

Ninguém deve ser excluído (FT 121), o desenvolvimento deve garantir os direitos humanos, pessoais e sociais, económicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos (FT 122). A atividade empresarial deverá orientar-se para o desenvolvimento das demais pessoas e para a superação da miséria (FT 123).

Só teremos paz quando se garantir terra, teto e trabalho para todos (FT 127). E a paz será duradoura só a partir duma ética global de solidariedade e cooperação ao serviço da família humana (FT 127).

CAPÍTULO 4

UM CORAÇÃO ABERTO AO MUNDO INTEIRO

Vivemos uma amizade social, buscamos um bem moral, uma ética social, porque sabemos que somos parte de uma fraternidade universal. Somos chamados ao encontro, à solidariedade e à gratuidade.

A afirmação de que nós, seres humanos, somos irmãos obriga-nos a assumir novas perspectivas e desenvolver novas reações (FT 128). Quando o próximo é uma pessoa migrante, sobrevêm desafios complexos. Enquanto não houver progressos no sentido de evitar migrações desnecessárias e, para tal, criar nos países de origem melhores condições para o próprio desenvolvimento integral, cabe-nos a nós respeitar o direito de todo o ser humano de encontrar um lugar onde possa satisfazer as suas necessidades básicas e desenvolver-se (FT 129). Esforçamo-nos por acolher, proteger, promover e integrar. Para tal, é indispensável incrementar e simplificar a concessão de vistos, adotar programas de patrocínio, corredores humanitários, oferecer alojamento, garantir segurança, acesso a serviços essenciais, assistência consular, entre outras coisas (FT 130).

A chegada de pessoas diferentes transforma-se num dom quando as acolhemos com o coração, quando se lhes permite continuarem a ser elas próprias (FT 134).

A gratuidade é a capacidade de fazer coisas, simplesmente porque são boas em si mesmas, sem esperar êxitos, nem receber algo em troca (FT 139). Só uma cultura social e política que envolva o acolhimento gratuito poderá ter futuro (FT 140).

É necessário ter uma tensão sadia entre o global e o local; faz falta o global para não cair numa mesquinha quotidianidade e o local para manter os pés assentes na terra (FT 142). Não é possível ser saudavelmente local sem uma sincera abertura ao universal, sem se deixar interpelar pelo que sucede noutras partes, sem se enriquecer com outras culturas (FT 146). Toda a cultura saudável é aberta e acolhedora (FT 146). O mundo cresce e enche-se de beleza, graças às sínteses que se produzem entre culturas abertas (FT 148). O ser humano é o ser fronteiro que não tem qualquer fronteira (FT 150).

CAPÍTULO 5

A POLÍTICA MELHOR

A política melhor é a política ao serviço do bem comum e universal, política para e com o povo, quer dizer, popular, com caridade social, que busca a dignidade humana; e pode ser executada por homens e mulheres com amor político, que integram a economia num projeto político social, cultural e popular.

Para tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial, capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor. Uma política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum (FT 154). Esta política afasta-se de um populismo que surge quando o líder político instrumentaliza a cultura do povo, com um sinal ideológico ao serviço do seu projeto pessoal e da sua perpetuação no poder (FT 159). O verdadeiramente popular é o que promove o bem do povo, garante que todos tenham a possibilidade de fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um (FT 162).

Ajudar os pobres deve possibilitar-lhes viverem uma vida digna através do trabalho; não há pior pobreza do que aquela que priva do trabalho e da dignidade (FT 162).

A caridade expressa-se no encontro de pessoa a pessoa, quando chega ao irmão distante e até desconhecido. Além disso, é necessário fomentar uma mística da fraternidade, uma organização mundial mais eficiente, para ajudar a resolver os problemas prementes dos abandonados que sofrem e morrem nos países pobres (FT 165).

A tarefa educativa, o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar a vida humana mais integralmente, a profundidade espiritual, são necessárias para dar qualidade às relações humanas (FT 167). Precisamos de uma política que ponha no centro a dignidade humana e sobre este pilar construa estruturas sociais alternativas (FT 168).

É necessário pensar na inclusão dos movimentos populares, que anime as estruturas governamentais com aquela torrente de energia que nasce da integração dos excluídos na construção do destino comum. É necessário superar a ideia de políticas sociais para os pobres, mas sem os pobres (FT 169).

É necessária uma reforma tanto da *Organização das Nações Unidas*, como da *arquitetura económica e financeira internacional*, para que se verifique uma concretização real do conceito de família de nações. A justiça é indispensável para obter a fraternidade universal (FT 173).

A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia (FT 177). A grandeza política

mostra-se quando se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo (FT 178).

O Papa Francisco chama-nos a uma ordem social e política cuja alma seja a caridade social. Convida-nos a reabilitar a política como uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum (FT 180). Esta caridade política pressupõe um sentido social que nos leva a buscar o bem de todas as pessoas (FT 182). A partir do “amor social” é possível avançar rumo a uma civilização do amor, a que todos nos podemos sentir chamados (FT 183). É uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo e renovar profundamente as estruturas, organizações sociais e sistemas jurídicos (FT 183).

A caridade necessita da luz da verdade, da luz da razão e da fé (FT 185).

Os políticos são chamados a cuidar da fragilidade dos povos e das pessoas (FT 188). O político é um fazedor, um construtor com grandes objetivos, com uma visão ampla, realista e pragmática, inclusive para além do seu próprio país (FT 188). É chamado a renúncias que tornem possível o encontro e busca a convergência em alguns temas (FT 190).

Na política, há lugar também para a ternura, é o amor que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e que os homens e as mulheres mais valentes e fortes têm percorrido (FT 194).

As perguntas de um político devem ser: “Quanto amor coloquei no meu trabalho? Em que fiz progredir o povo? Que marcas deixei na vida da sociedade? Que laços reais construí? Que forças positivas desencadeei? Quanta paz social semeiei? Que produzi no lugar que me foi confiado?” (FT 197).

CAPÍTULO 6

DIÁLOGO E AMIZADE SOCIAL

O diálogo respeita, gera consenso e busca a verdade; o diálogo dá lugar à cultura do encontro, isto é, o encontro torna-se estilo de vida, paixão e desejo. Quem dialoga é amável, reconhece e respeita o outro.

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por se entender, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo «dialogar» (FT 198).

Um país cresce quando as suas diversas riquezas culturais dialogam de modo construtivo: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura económica e a cultura da família, e a dos meios de comunicação (FT 199).

O autêntico diálogo social pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando a possibilidade de que esse contenha algumas convicções ou interesses legítimos (FT 203).

Para que uma sociedade tenha futuro, é necessário que tenha assumido um sentido de respeito em relação à verdade da dignidade humana, à qual nos submetemos. Uma sociedade é nobre e respeitável também pela sua cultura da busca da verdade e pelo seu apego às verdades mais fundamentais. Ao relativismo acrescenta-se o risco de que o poderoso ou o mais hábil consiga impor uma suposta verdade (FT 209).

Numa sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso circunstancial. Há alguns valores permanentes que conferem solidez e estabilidade a uma ética social (FT 211).

Devemos respeitar, em todas as situações, a dignidade alheia, porque nos outros há um valor que supera as coisas materiais e as circunstâncias, e que exige que sejam tratados de outra forma (FT 213).

A vida é a arte do encontro. Reiteradas vezes o Papa Francisco nos convidou a construir uma cultura do encontro que ultrapasse as dialéticas que enfrentamos. Trata-se de um estilo de vida tendente a formar um poliedro, que representa uma sociedade onde as diferenças convivem completando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso implique discussões e precauções. Isto implica incluir as periferias (FT 215).

A palavra «cultura» indica algo que penetrou no povo, nas suas convicções mais profundas e no seu estilo de vida. “Cultura do encontro” significa que, como povo, nos apaixonamos a tentar encontrarmo-nos, procurar pontos de contacto, lançar pontes,

projetar algo que envolva todos. Isto tornou-se uma aspiração e um estilo de vida. O sujeito desta cultura é o povo (FT 216).

O prazer de reconhecer o outro implica o hábito de reconhecer, ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente (FT 218). Um pacto social realista e inclusivo deve ser também um “pacto cultural”, que respeite e assuma as diversas cosmovisões, culturas ou estilos de vida que coexistem na sociedade (FT 219). Um pacto cultural pressupõe que se renuncie a compreender a identidade dum lugar de maneira monolítica, e exige que se respeite a diversidade, oferecendo-lhe caminhos de promoção e de integração social (FT 220). Este pacto também implica aceitar a possibilidade de ceder algo para o bem comum (FT 221).

CAPÍTULO 7

PERCURSOS DUM NOVO ENCONTRO

Temos de curar as feridas e restabelecer a paz. Precisamos de audácia (FT 225) e verdade; os que se defrontaram, falam a partir da verdade, nua e crua (FT 226). Só a partir da verdade histórica dos factos as pessoas poderão fazer o esforço perseverante e prolongado para se compreenderem mutuamente e tentarem uma nova síntese para o bem de todos (FT 226).

A verdade é uma companheira inseparável da justiça e da misericórdia. Essenciais para construir a paz (FT 227). O percurso para a paz não implica homogeneizar a sociedade, contudo permite-nos trabalhar juntos. Pode unir muitos em prol de buscas comuns. É preciso tentar identificar os problemas que uma sociedade atravessa, para aceitar que existem diferentes maneiras de encarar as dificuldades e de as resolver. Nunca se deve categorizar o outro por aquilo que pode ter dito ou feito, mas sim pela promessa que traz em si mesmo, uma promessa que deixa sempre um resquício de esperança (FT 228).

A verdadeira reconciliação alcança-se de maneira proativa (FT 229). O esforço árduo para superar o que nos divide, sem perder a identidade de cada um, pressupõe que em todos permaneça vivo um sentimento essencial de pertença (FT 230).

A construção da paz social num país nunca está terminada, mas é “uma tarefa que não dá tréguas e exige o compromisso de todos” (FT 232). Aqueles que pretendem pacificar uma sociedade não devem esquecer que a desigualdade e a falta de desenvolvimento humano integral impedem que se gere a paz (FT 235). Se tivermos de recomeçar, será sempre a partir dos últimos (FT 234).

Alguns preferem não falar de reconciliação, porque pensam que o conflito, a violência e as ruturas fazem parte do funcionamento normal duma sociedade (FT 236). Mas o perdão e a reconciliação são temas relevantes no cristianismo e noutras religiões (FT 237). Jesus nunca convidou a fomentar a violência ou a intolerância. Ele próprio condenava abertamente o uso da força para se impor aos outros (FT 238). Também não se trata de propor um perdão renunciando aos próprios direitos perante um poderoso corrupto, um criminoso ou alguém que degrada a nossa dignidade (FT 241). Não é tarefa fácil superar a amarga herança de injustiças, hostilidades e desconfianças deixada pelo conflito. Isto só se pode conseguir, vencendo o mal com o bem (FT 243).

A reconciliação não escapa do conflito, mas alcança-se “no” conflito, superando-o através do diálogo e da negociação transparente, sincera e paciente (FT 244).

De quem sofreu muito, de maneira injusta e cruel, não se deve exigir uma espécie de “perdão social” (FT 246). A reconciliação é um facto pessoal, e ninguém pode impô-la ao conjunto duma sociedade, embora a deva promover (FT 246). Não é

possível decretar uma “reconciliação geral” (FT 246). Nunca se deve propor o esquecimento (FT 246). Não se avança sem memória (FT 249). Aqueles que perdoam não esquecem, mas renunciam a ser dominados pela mesma força destruidora que os feriu (FT 251). Não se trata de impunidade; a justiça procura-se por amor à própria justiça, por respeito às vítimas e para prevenir novos crimes e preservar o bem comum (FT 252).

A guerra é a negação de todos os direitos e uma dramática agressão ao meio-ambiente. Se se quiser um verdadeiro desenvolvimento humano integral para todos, é preciso continuar incansavelmente no esforço de evitar a guerra entre as nações e os povos (FT 257). Não podemos pensar na guerra como solução; é muito difícil sustentar os critérios racionais amadurecidos noutros séculos para falar duma possível “guerra justa”. Guerra nunca mais (FT 258)!

O objetivo final da eliminação total das armas nucleares torna-se tanto um desafio, quanto um imperativo moral e humanitário (FT 262). A pena de morte é inadequada em âmbito moral e já não é necessária em âmbito penal (FT 263). É inadmissível (FT 263) e a Igreja compromete-se, com determinação, a propor que seja abolida em todo o mundo (FT 263). A prisão perpétua é uma pena de morte oculta (FT 268).

CAPÍTULO 8

AS RELIGIÕES AO SERVIÇO DA FRATERNIDADE NO MUNDO

As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre religiões tem o objetivo de estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais, num espírito de verdade e amor (FT 271).

Partilhamos um fundamento último: abertura ao Pai de todos. Só com esta consciência de filhos que não são órfãos, podemos viver em paz entre nós. “A razão, por si só, é capaz de aceitar a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade” (FT 272).

A pessoa humana possui uma dignidade transcendente, é imagem visível de Deus invisível e, precisamente por isso, sujeito natural de direitos que ninguém pode violar (FT 273). Tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades, buscar a Deus com coração sincero ajuda a reconhecemo-nos como companheiros de caminho, verdadeiramente irmãos (FT 274).

A Igreja respeita a autonomia da política, mas não deve ficar à margem na construção de um mundo melhor, nem deixar de despertar as forças espirituais que fecundem a vida social. Os ministros da religião não devem fazer política partidária, mas também não devem renunciar à dimensão política da existência, que implica a atenção ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral (FT 276).

A identidade cristã

A Igreja valoriza a ação de Deus nas outras religiões e “não rejeita nada do que, nessas religiões, existe de verdadeiro e santo”. Porém, como cristãos, não podemos esconder que, se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no facto de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos (FT 277).

A nossa Igreja é chamada a encarnar-se em todos os lugares. Presente através dos séculos em todos os lugares da terra – isso significa «católica» –, a Igreja pode, a partir da sua experiência de graça e pecado, compreender a beleza do convite ao amor universal. Porque “tudo o que é humano nos diz respeito. Onde

quer que se reúnam os povos para determinar os direitos e os deveres do homem, sentimo-nos honrados quando nos permitem sentarmo-nos ao seu lado”. Para muitos cristãos, este caminho de fraternidade tem também uma Mãe, chamada Maria. Ela recebeu junto da Cruz esta maternidade universal e cuida não só de Jesus, mas também do “resto da sua descendência”. Com o poder do Ressuscitado, Ela quer dar à luz um mundo novo, onde todos sejamos irmãos, onde haja lugar para cada descartado das nossas sociedades, onde resplandeçam a justiça e a paz (FT 278).

Nós, cristãos, pedimos que, nos países onde somos minoria, nos seja garantida a liberdade, tal como nós a favorecemos para aqueles que não são cristãos onde eles são minoria. “As coisas que temos em comum são tantas e tão importantes que é possível encontrar um modo de convivência serena, ordenada e pacífica, na aceitação das diferenças e na alegria de sermos irmãos porque filhos de um único Deus” (FT 279).

Pedimos a Deus que fortaleça a unidade dentro da Igreja, unidade que se enriquece com diferenças que se reconciliam pela ação do Espírito Santo. Contudo, falta ainda a contribuição profética e espiritual da unidade entre todos os cristãos (FT 280).

Entre as religiões é possível um caminho de paz. O ponto de partida deve ser o olhar de Deus. Porque “Deus não olha com os olhos, Deus olha com o coração” (FT 281).

Como crentes, somos desafiados a retornar às nossas fontes para nos concentrarmos no essencial: a adoração de Deus e o amor ao próximo, para que alguns aspetos das nossas doutrinas, fora do seu contexto, não acabem por alimentar formas de desprezo, ódio, xenofobia, negação do outro. A violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas sim nas suas deformações (FT 282).

O culto sincero e humilde a Deus “leva, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos outros, e ao compromisso amoroso por todos”. As convicções religiosas sobre o sentido sagrado da vida humana consentem-nos “reconhecer os valores fundamentais da nossa humanidade comum, valores em virtude dos quais se pode e deve colaborar, construir e dialogar, perdoar e crescer, permitindo que o conjunto das vozes forme um canto nobre e harmonioso, e não gritos fanáticos de ódio” (FT 283).

Nós, líderes religiosos, somos chamados a ser verdadeiros “dialogantes”, a trabalhar na construção da paz, e não como intermediários, mas como autênticos mediadores. Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros (FT 284).

Apelo

Deus, o Todo-Poderoso, não precisa ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas. Por isso, quero retomar aqui o apelo à paz, justiça e fraternidade que fizemos juntos:

Em nome de Deus, que criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos, a povoar a terra e espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz.

Em nome da alma humana inocente que Deus proibiu de matar, afirmando que qualquer um que mate uma pessoa é como se tivesse morto toda a humanidade e quem quer que salve uma pessoa é como se tivesse salvo toda a humanidade.

Em nome dos pobres, dos miseráveis, dos necessitados e dos marginalizados, a quem Deus ordenou socorrer como um dever exigido a todos os homens e de modo particular às pessoas facultosas e abastadas.

Em nome dos órfãos, das viúvas, dos refugiados e dos exilados das suas casas e dos seus países; de todas as vítimas das guerras, das perseguições e das injustiças; dos fracos, de quantos vivem no medo, dos prisioneiros de guerra e dos torturados em qualquer parte do mundo, sem distinção alguma.

Em nome dos povos que perderam a segurança, a paz e a convivência comum, tornando-se vítimas das destruições, das ruínas e das guerras.

Em nome da “fraternidade humana”, que abraça todos os homens, une-os e torna-os iguais.

Em nome desta fraternidade, dilacerada pelas políticas de integralismo e divisão e pelos sistemas de lucro desmesurado e pelas tendências ideológicas odiosas, que manipulam as ações e os destinos dos homens.

Em nome da liberdade, que Deus deu a todos os seres humanos, criando-os livres e enobrecendo-os com ela.

Em nome da justiça e misericórdia, fundamentos da prosperidade e pilares da fé.

Em nome de todas as pessoas de boa vontade, presentes em todos os cantos da terra.

Em nome de Deus e de tudo isto, declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério (FT 284).

Carlos de Foucauld orientou o seu sonho de uma entrega total a Deus para uma identificação com os últimos, os abandonados, no interior do deserto africano.

Naquele contexto, expressava os seus desejos de sentir todo o ser humano como irmão, e pedia a um amigo: “Rogue a Deus que eu seja realmente o irmão de todos”. Enfim queria ser “o irmão universal”. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos. Que Deus inspire este ideal a cada um de nós. Ámen (*FT 287*).